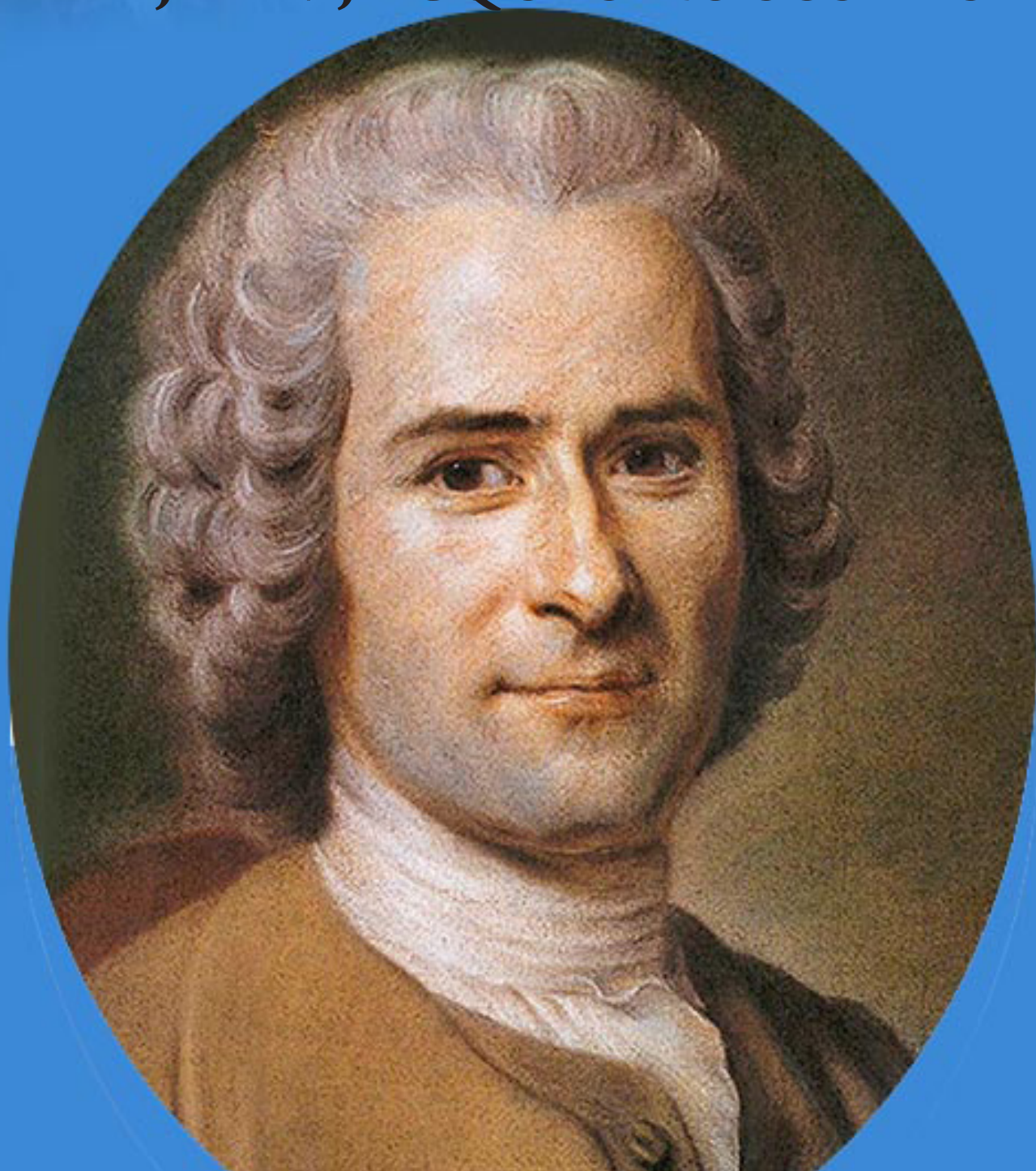


CURSO ONLINE DE PEDAGOGIA ESPÍRITA

JEAN JACQUES ROUSSEAU



IDE - Instituto de Difusão Espírita - Araras / SP
Instituição: www.ide.org.br - Editora: www.ideeditora.com.br

Jean Jacques Rousseau



Jean-Jacques Rousseau nasceu a 28 de junho de 1712, em Genebra, Suíça.

Rousseau nunca teve um estudo regular, nem cursou nenhuma faculdade. Considerado um autodidata, tornou-se um dos principais filósofos do iluminismo e um precursor do romantismo.

Em 1750 conquistou o prêmio da Academia de Dijon, com seu tratado com o título de “*Discurso Sobre as Ciência e as Artes*”, tornando-se conhecido em Paris.

Em 1756, após participar do movimento enciclopedista com Diderot e D’Alembert, cansado do mundo de aparências, Rousseau vai para Montmorency, vilarejo tranquilo ao norte de Paris, a convite da Mme. D’Epinay, e instala-se na Ermitage. No ano seguinte, muda-se para a casa do Mont-Louis onde, com Thérèse Levasseur, sua companheira, viveram por vários anos, sob o apoio e amizade do Marechal de Luxemburgo e sua esposa. É neste local simples, na doce quietude do campo, que Rousseau vive seu período mais produtivo como escritor.

Corria o ano de 1760, na doce quietude do campo, em meio à Natureza, em Mont-Louis, quando Jean Jacques sente-se invadir por grande emoção.

Elevados emissários se lhe acercam e, sob o influxo quase irresistível, Rousseau escreve:

“Tudo é bom ao sair das mãos do Autor das coisas. Tudo degenera nas mãos do homem.

Ele obriga uma terra a nutrir as produções de outra; mistura e confunde os climas, as estações; mutila seu cão, seu cavalo, seu escravo; transforma tudo, desfigura tudo; ama a deformidade, os monstros; não quer nada como o fez a natureza, nem mesmo o homem; tem de ensiná-lo para si, como um cavalo de picadeiro; tem que moldá-lo a seu jeito como uma árvore de seu jardim.”

A mente de Rousseau recebe as instruções dos Espíritos que o orientam e, ao mesmo tempo, sintoniza com os arquivos do seu subconsciente profundo. (Vide *Pestalozzi, Um Romance Pedagógico*, IDE Editora)

Sensações mnemônicas o levam aos estudos ocorridos com os elevados instrutores da vida espiritual, dentre eles, o próprio Pestalozzi que, mais tarde, faria do *Emílio* o seu livro de cabeceira.

“É a ti que me dirijo, terna e previdente mãe...”

“Dizem que muitas parteiras pretendem, com massagens na cabeça das crianças recém-nascidas, dar-lhes uma forma mais conveniente, e aceita-se isso! Nossas cabeças estariam erradas, se obedecermos ao Autor de nosso ser; cumpre-nos modelá-las de fora pelas parteiras e, por dentro, pelos filósofos?”

“Mal a criança sai do seio da mãe, mal goza a liberdade de se mexer e distender seus membros, já lhe dão novas cadeias. Enrolam-na em faixas, deitam-na com a cabeça imóvel e as pernas alongadas, os braços pendentes ao lado do corpo; envolvem-na em toda espécie de panos e tiras que não lhe permitem mudar de posição.”

“Assim o impulso das partes internas de um corpo que tende a crescer encontra um obstáculo insuperável aos movimentos que esse impulso exige. A criança faz continuamente esforços inúteis que lhe esgotam as forças ou atrasam seu progresso”

“Essas ternas mães que, livres de seus filhos, se entregam alegremente aos divertimentos da cidade, sabem porventura que tratamento recebe a criança em suas faixas na aldeia? ...

“Não contentes com terem deixado de amamentar seus filhos, as mulheres se recusam a fazê-los, a consequência é natural...”

“Quereis fazer com que todos se atenham a seus deveres? Começai pelas mães; ficareis espantados com as mudanças que provocareis.”

Nascia assim o livro ***Emílio ou Da Educação***, publicado em 1762, que causaria uma revolução na educação, não somente na França, mas em toda a Europa.

Sob a forma de romance, Rousseau afirma que o homem é bom em seu estado natural e atribui à civilização a origem do mal. Assim, a educação compreende dois aspectos: o desenvolvimento das potencialidades naturais da criança e seu afastamento dos males da sociedade. A educação deve ser progressiva, de forma que cada etapa seja adaptada às necessidades individuais para ocorrer um desenvolvimento harmonioso.

“A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens. Se pervertermos esta ordem, produziremos frutos precoces sem maturidade e sem sabor, que não tardarão a corromper-se. Teremos jovens doutores e crianças velhas. A infância tem modos próprios de ver, de pensar, de sentir. Nada há menos sensato do que querer substituí-los aos nossos”.

Observa-se em Emílio um alerta aos professores para a tendência de tratar a criança da forma adulta, ou seja, uma educação centrada na forma do adulto pensar e entender o mundo.

A criança é considerada um ser passivo, simples receptáculo das informações transmitidas. O processo de aprendizagem não considera a criança um ser capaz de assimilar a realidade externa de acordo com suas estruturas mentais, mas de acordo com o que o professor decidiu.

Ao contrário, Rousseau propõe uma educação em que a criança é um ser ativo, que pesquisa, analisa e descobre por si, construindo o conhecimento, na linguagem de Piaget.

“Fazei com que o vosso aluno esteja atento aos fenômenos da natureza... mas, para alimentar sua curiosidade, não vos apresseis nunca em satisfazê-la... Que ele saiba as coisas porque as compreendeu por si e nunca porque haveis dito essa coisa... Se substituis no seu espírito a autoridade pela razão, ele não raciocinará mais: será apenas um espelho da opinião dos outros”.

O aluno sabe não porque lhe foi dito, mas porque ele compreendeu a essência do conhecimento. Aqui está o princípio básico da aprendizagem nos moldes construtivistas.

“Se se enganar, deixai-o, não corrija os seus erros: atentai, silenciosamente, para que ele possa se encontrar em situação de os perceber e de os corrigir por si, ou então, aproveitando de uma ocasião favorável, levai-o a alguma operação a que lhe proporcione sentir esse erro. Se nunca errasse, nunca aprenderia bem”.

Eis o caminho para a autonomia moral. Leva o aluno a reconhecer o próprio erro e não a ter medo da punição.

“O problema não é ensinar-lhe as ciências, mas dar-lhe o prazer de amá-las e os métodos para aprendê-las, quando esse gosto estiver já bem mais desenvolvido. É este o princípio fundamental de toda boa educação”.

Não se aprende por imposição, mas por amor ao saber.

Sentimento e educação

Rousseau atacou o artificialismo do homem civilizado, os falsos padrões morais e a opressão da vida social. Propõe deixar de lado as convenções da razão civilizada e mergulhar fundo na própria Natureza, que é autêntica. Esse mergulho se consegue através do sentimento, muito mais do que pela razão. Seu objetivo seria atingir o sentimento íntimo da vida, com o qual o homem teria consciência de sua unidade com a natureza e com os semelhantes.

O retorno à pureza da consciência natural é o dever de todo homem. De certa forma, ele retorna ao “conhece-te a ti mesmo” socrático. Mas diferente de Sócrates, para quem o conhecimento de si mesmo está a cargo da razão, Rousseau exalta o sentimento, essa *“outra faculdade infinitamente mais sublime”*, como o caminho para a penetração na essência interior de cada um, ou seja, no conhecimento real de si mesmo, longe do artificialismo e dos falsos padrões da sociedade.

Aprendemos na Doutrina Espírita que não existe retrocesso. Como então a sociedade corrupta poderia corromper as boas qualidades da alma?

Hoje compreendemos que, realmente, tudo é bom ao sair das mãos do Criador, mas todos os seres são criados simples e ignorantes, na linguagem de *O Livro dos Espíritos*. Todos trazem dentro de si o “germe” da perfeição, a possibilidade de aperfeiçoamento. Mas não está perfeito ainda. Daí a necessidade da educação, do desenvolvimento dessas qualidades que existem, mas em estado latente, germinal, como na semente. No período desse desenvolvimento, o homem, usando do seu livre-arbítrio, pode se desviar de seu caminho na-

tural e “degenerar”, na linguagem de Rousseau. O sentido, pois, da palavra “degenerar” não é de retrocesso, mas de desvio do caminho natural que conduz à evolução plena dos poderes interiores de que o Espírito, filho de Deus, é dotado, em estado latente. E todos nós sabemos o quanto pode custar ao Espírito esse desvio para os caminhos da corrupção, onde o egoísmo e o orgulho insano podem provocar todo tipo de desequilíbrio interior.

Mal terminara o *Emílio*, novamente, emoções profundas lhe invadem a alma. A presença de elevados Espíritos despertam, embora de forma inconsciente, os ideais elevados que Rousseau trazia em si mesmo. Sob o influxo desses benfeitores espirituais, as ideias fluem em sua mente e a pena corre célere em sua mão:

“O homem nasce livre, e por toda a parte encontra-se a ferros. O que se crê senhor dos demais, não deixa de ser mais escravo do que eles. Como adveio tal mudança? Ignoro-o. Que poderá legitimá-la? Creio poder resolver esta questão.

Assim surge sua obra *Contrato Social* onde propõe a solução para os problemas sociais e políticos causados pelo absolutismo.

O *Contrato Social* seria a solução por meio do qual prevaleceria a soberania política da vontade coletiva. Nesse contrato, seria preciso definir a questão da igualdade entre todos, da vontade e do interesse no bem comum. A vontade individual diz respeito à vontade particular, mas a vontade do cidadão deve ser coletiva, visando o bem de todos.

O povo seria parte ativa neste contrato, participando da elaboração das leis e do cumprimento destas. Obedecer à lei que se escreve para si mesmo, com consciência de sua necessidade, seria um ato de liberdade.

Assim, soberano seria o povo e não o rei. O governante seria funcionário a serviço das necessidades e interesses do próprio povo.

As duas obras foram lançadas quase ao mesmo tempo. Em abril de 1762, surge O *Contrato Social* e, algumas semanas depois, surge *Emílio*.

A reação foi violenta. O parlamento de Paris condenava *Emílio* a ser rasgado e queimado e ordenava que Rousseau fosse detido e levado às prisões de Paris. O mesmo acontece com O *Contrato Social*.

Graças a ajuda de amigos, Rousseau consegue evadir-se da prisão, mas a sensação de perseguição o acompanha por toda sua vida.

No entanto as duas obras, à revelia das autoridades se espalham por toda parte.

As idéias dos iluministas abriu caminho para a grande missão futura da França em receber o “Consolador prometido por Jesus”, mas também se espalhou pela Inglaterra, Alemanha, Itália, Áustria, tendo influenciado a Revolução Americana e a Independência do Brasil.

(Ver *Pestalozzi. um Romance Pedagógico*, - IDE Editora)